

UM MILHÃO DE EXEMPLARES
VENDIDOS EM TODO O MUNDO

intrínseca

A stylized illustration of a woman's face and upper torso, rendered in a flat, graphic style. She has short, dark hair and is wearing a light blue collared shirt. The background is a vibrant yellow with a stylized cityscape of red and yellow buildings. The text 'KIM JIYOUNG, NASCIDA EM 1982' is overlaid on her face in white, bold, sans-serif capital letters.

KIM
JIYOUNG,
NASCIDA
EM 1982

CHO NAM-JOO

KIM
JIYOUNG,
NASCIDA EM 1982

CHO NAM-JOO

Tradução de
Alessandra Esteche



82년생 김지영 (PALSIP YI NYEON SAENG KIM JIYEONG) by 조남주
(Cho Nam-joo) Copyright © Cho Nam-Joo, 2016

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente na Coreia do Sul por Minumsa Publishing Co.,
Ltd., Seoul. Copyright da tradução © 2022, by Editora Intrínseca
Cho Nam-Joo c/o Minumsa Publishing Co., Ltd., em associação com
The Grayhawk Agency Ltd., via Agência Literária Riff Ltda.

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS
Kim Jiyoung, born 1982

PREPARAÇÃO
Manoela Alves

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Midori Hatai

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA
Matt Johnson/S&S Art Dept.

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Laísa Andrade

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N161k

Nam-Joo, Cho, 1978-
Kim Jiyoung, nascida em 1982 / Cho Nam-Joo ; tradução Ales-
sandra Esteche. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: Kim Jiyoung, born 1982
ISBN 978-65-5560-492-4

1. Sexismo - Ficção. 2. Discriminação de sexo contra as mulheres
- Ficção. 3. Ficção sul-coreana. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

22-75738

CDD: 895.73
CDU: 82-3(519.5)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

OUTONO DE 2015

Kim Jiyoung tem trinta e três anos, ou trinta e quatro na idade coreana. Ela se casou há três e teve uma filha em 2014. Vive em um pequeno apartamento alugado nos arredores de Seul com o marido, Jung Daehyun, de trinta e seis anos, e a filha, Jung Jiwon. Daehyun trabalha em uma empresa de TI de médio porte e Jiyoung saiu de uma pequena agência de marketing algumas semanas antes do parto. Daehyun chega em casa por volta da meia-noite e vai ao escritório pelo menos uma vez durante os fins de semana. Os pais dele vivem em Busan. Já os pais dela têm um restaurante, então Jiyoung cuida da filha sozinha. Assim que completou um ano, no verão, Jiwon começou a frequentar a creche em meio período. Ela passa as manhãs em um apartamento convertido em creche, no térreo do prédio onde mora.

O comportamento incomum de Jiyoung foi percebido pela primeira vez no dia 8 de setembro. Daehyun sabe a

data exata porque era manhã de *baengno* (“orvalho branco”), após a primeira noite de outono em que a temperatura cai abaixo do ponto de orvalho.

Daehyun estava comendo torrada com leite no café da manhã quando de repente Jiyoung foi até a varanda. Estava bem ensolarado lá fora, mas o ar frio entrou assim que a porta da varanda foi aberta e atingiu a mesa da cozinha à qual Daehyun estava sentado.

Jiyoung voltou à mesa com os ombros curvados e, ao se sentar, disse:

— Eu estava sentindo o ar mais fresco nas últimas manhãs, e hoje é *baengno*! Orvalho branco sobre o campo *douraaado*, no dia de *baengno* o amanhecer é *gelaaado*.

Daehyun riu da esposa, que falava como uma mulher muito mais velha.

— O que deu em você? Está parecendo sua mãe.

— Leve uma jaqueta leve, Jung *seobaaang*. O ar fica gelado de manhã e à noite.

Ainda assim, ele pensou que ela estivesse brincando. A imitação da mãe era impecável, incluindo a piscadela com o olho direito ao pedir um favor e a última sílaba alongada ao pronunciar “Jung *seobang*”. Ele a flagrara olhando para o nada ou chorando ao ouvir músicas tristes, mas imaginou que só estivesse exausta por cuidar da bebê. A esposa era uma pessoa alegre, toda risonha, que sempre o divertia ao imitar celebridades. Então Daehyun não se preocupou muito. Apenas a abraçou e foi trabalhar.

Quando ele voltou naquela noite, ela estava dormindo ao lado da filha. Ambas estavam chupando o dedo, o que era fofo, mas estranho. Observando as duas juntas, ele puxou a mão da mulher para que tirasse o dedo da boca. Jiyoung mostrou um pouco a língua e estalou os lábios, como um bebê, e voltou a se acomodar, dormindo.

Alguns dias depois, Jiyoung disse que era Cha Seungyeon, uma amiga da faculdade que havia morrido no ano anterior. Seungyeon e Daehyun ingressaram na universidade juntos, e Jiyoung entrou três anos depois. Os três eram membros do mesmo clube de trilha. No entanto, Jiyoung e Daehyun não se conheceram na faculdade. Daehyun planejava fazer mestrado, mas teve de desistir por questões familiares. Quando completou o terceiro ano, ele trancou a faculdade para cumprir o serviço militar atrasado e depois voltou para casa, em Busan, a fim de trabalhar durante um ano por meio período. Jiyoung entrou para a faculdade e se tornou membro ativo do clube de trilha enquanto ele esteve afastado.

Seungyeon sempre tratou bem as outras mulheres do clube; além disso, ela e Jiyoung tinham algo em comum: não gostavam de fazer trilhas. Ficaram amigas, mantiveram contato e se encontraram frequentemente, mesmo depois que Seungyeon se formou. Aliás, foi no casamento

dela que Daehyun e Jiyoung se conheceram. Seungyeon teve embolia por líquido amniótico no parto do segundo filho. Jiyoung estava enfrentando uma depressão pós-parto quando soube da morte da amiga. Com a notícia terrível, além de todo o restante, passou a ser difícil lidar com as tarefas diárias.

Depois que a filha dormiu, o casal relaxou e bebeu umas cervejas, algo que não faziam havia algum tempo. Quando estava quase terminando uma lata, Jiyoung deu um tapinha no ombro do marido e disse, bruscamente:

— Ei, Jiyoung está passando por um momento difícil. Cuidar de um bebê é muito desgastante. Sempre que puder, você deveria dizer a ela: *Você está se saindo muito bem! Está se esforçando tanto! Reconheço seu esforço!*

— Você está em projeção astral, querida? Tudo bem. Sim, você está se saindo muito bem, Jiyoung. Sei que está passando por um momento difícil. Reconheço seu esforço e amo você.

Daehyun apertou a bochecha dela com carinho, mas Jiyoung afastou a mão dele, irritada.

— Você ainda me vê como a Cha Seungyeon de vinte anos toda apaixonada? Que tremeu como uma folha no meio do verão ao confessar seus sentimentos?

O coração de Daehyun parou. Fazia quase vinte anos que aquilo tinha acontecido. No meio do dia, no meio do verão, no meio do campo de atletismo da universidade, a muitos metros de um pontinho minúsculo de sombra.

O sol escaldante caía sobre eles. Ele não se lembrava de como haviam parado ali, mas dera de cara com Seungyeon, que de repente revelou que gostava dele. Ela gostava dele, tinha sentimentos por ele, foi o que disse, o suor escorrendo, os lábios tremendo, gaguejando. Daehyun a encarou desconsolado, e ela percebeu na hora.

— Ah, você não sente o mesmo por mim. Entendi. Esqueça o que eu falei. Esqueça que isso aconteceu. Vou continuar tratando você do mesmo jeito, como se nada tivesse acontecido.

E ela correu pelo campo e desapareceu. De fato continuou tratando-o como antes, como se nada tivesse acontecido, tão despreocupada que Daehyun se perguntou se aquela declaração não tinha sido uma alucinação causada pela exposição ao sol. Nunca mais pensou naquele dia. E agora sua esposa trazia o episódio à tona — uma cena de uma tarde ensolarada quase vinte anos antes, sobre a qual apenas duas pessoas no mundo sabiam.

— Jiyoung — foi tudo que Daehyun conseguiu dizer. Talvez tenha murmurado seu nome outras três vezes.

— Ah, cara, pare de me chamar pelo nome dela. Eu já entendi, já sei: você é um marido exemplar!

Ah, cara, Cha Seungyeon costumava dizer isso quando estava bêbada. Ele ficou de cabelo em pé e sentiu como se correntes elétricas percorressem seu couro cabeludo. Fingindo não ter se abalado, continuou pedindo a ela que parasse de brincadeira. Jiyoung deixou a lata

vazia sobre a mesa, foi até o quarto e se deitou ao lado da filha, sem escovar os dentes. Dormiu imediatamente. Daehyun pegou mais uma cerveja e entornou. Aquilo era algum tipo de piada? Ela estava bêbada? Estava possuída por um espírito ou algo assim, como as pessoas na tv?

Na manhã seguinte, Jiyoung saiu do quarto massageando as têmporas. Não parecia se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior. Por um lado, ele ficou aliviado ao pensar que ela apenas estava bêbada; por outro, aquele era um comportamento assustador. Além disso, era difícil acreditar que ela havia ficado bêbada e apagado. Só tinha bebido uma latinha.

O comportamento estranho surgia esporadicamente. Ela mandava mensagens de texto cheias de emojis que não costumava usar ou preparava pratos como *seolleongtang* — uma tradicional sopa coreana — ou macarrão transparente, de que ela não gostava nem sabia fazer direito. Jiyoung começava a parecer uma estranha para Daehyun. Depois de todo aquele tempo — das histórias que compartilharam, inúmeras como gotas de chuva, dos carinhos suaves e delicados como flocos de neve e da filha linda que se parecia com os dois —, a esposa, com quem tinha se casado havia três anos, após dois anos de um romance apaixonado, parecia outra pessoa.

Então chegou o *Chuseok*, o feriado da celebração da colheita. Eles foram visitar os pais de Daehyun em Busan. Daehyun tirou a sexta-feira de folga, e os três saíram de casa às sete da manhã e chegaram a Busan cinco horas depois. Almoçaram com os pais de Daehyun, e ele, cansado da viagem longa, tirou um cochilo. Daehyun e Jiyoung costumavam se revezar ao volante em viagens longas, mas, desde que a filha nascera, Daehyun dirigia o tempo todo. A bebê se remexia, reclamava e choramingava sempre que a colocavam na cadeirinha, e Jiyoung sabia melhor como mantê-la ocupada e feliz com brincadeiras e lanchinhos.

Jiyoung lavou a louça depois do almoço, fez uma pausa para o café e foi à feira com a sogra comprar comida para o *Chuseok*. Elas passaram a tarde fazendo a *seolleongtang*, marinando a costela, preparando e esaldando as verduras a fim de temperar uma parte e congelar o restante, lavando frutos do mar para as panquecas e os bolinhos do dia seguinte. Então jantaram e lavaram a louça.

No dia seguinte, Jiyoung e a mãe de Daehyun fizeram panquecas, fritaram bolinhos, ensoparam a costela e moldaram os bolinhos de arroz. A família comeu pratos típicos frescos e se divertiu. A filha, Jiwon, se sentia em casa nos braços e no colo dos avós, que cobriram a criança afetuosa de amor.

O dia seguinte era *Chuseok*. O primo mais velho de Daehyun era responsável pelos ritos ancestrais, então a família não tinha muito que fazer naquele dia. Todos dor-

miram até mais tarde, tomaram um café da manhã com as sobras do dia anterior e terminaram de lavar a louça. Foi quando Suhyun, irmã mais nova de Daehyun, chegou com a família. Dois anos mais nova que o irmão e um ano mais velha que Jiyoung, Suhyun morava em Busan com o marido e os dois filhos, assim como seus sogros. Como seu sogro era o mais velho dos irmãos homens, Suhyun sofria muita pressão durante as festas, pois devia preparar pratos para os ritos ancestrais e esperar os convidados. Ela dormiu assim que chegou. Jiyoung e a mãe de Daehyun prepararam mais *seolleongtang* e arroz fresco, grelharam peixes e temperaram verduras e legumes para o almoço.

Após lavarem a louça, Suhyun pegou uma sacola grande de presentes para Jiwon: vestidos de todas as cores, um *tutu*, presilhas de cabelo, meias rendadas e coisas do tipo. Suhyun colocou presilhas no cabelo de Jiwon e meias em seus pés, admirando a bebezinha. *Eu queria ter uma filha. As filhas são as melhores.* Enquanto isso, Jiyoung servia pratos com maçãs e peras fatiadas, mas todos estavam tão satisfeitos que mal tocaram nas frutas. Quando ela apareceu com os bolinhos de arroz, Suhyun pegou um.

— Mãe, a senhora fez isso em casa?

— É claro que fiz.

— Mãe, quantas vezes eu tenho de dizer? Não faça comida em casa! Eu ia falar isso antes, mas não prepare

seolleongtang também. Compre as panquecas no mercado e os bolinhos de arroz na loja. Por que a senhora cozinha tanto se nem fazemos os ritos ancestrais aqui? A senhora está muito velha para isso, e é pesado para Jiyoung.

O rosto da mãe foi tomado pela decepção.

— Não é trabalho quando estamos alimentando nossa família. Os feriados servem para reunir, preparar os alimentos e comer juntos. — Ela se virou para Jiyoung e a colocou na berlinda. — Foi pesado demais para você?

Ao ouvir isso, a expressão de Jiyoung se suavizou, suas bochechas coraram levemente e um sorriso acolhedor surgiu em seu olhar. Daehyun ficou nervoso. Jiyoung respondeu antes que ele pudesse mudar de assunto ou tirá-la dali:

— Ah, sra. Jung. Para falar a verdade, minha pobre Jiyoung fica exausta todo feriado!

O tempo parou na sala. Era como se de repente eles se vissem sentados no topo de um enorme iceberg. Suhyun finalmente rompeu o silêncio, deixando escapar um suspiro longo e gélido que se dissolveu no ar.

— Ji, precisamos trocar a fralda de Jiwon, não é?

Daehyun pegou Jiyoung pela mão, mas ela a afastou com um tapa.

— Jung *seobaaang*! A culpa é sua também! Você passa todos os feriados em Busan e só dá um pulo rápido em casa para comer. Tente vir antes desta vez — disse ela, dando uma piscadela com o olho direito.

Naquele momento, o filho de seis anos de Suhyun caiu do sofá enquanto brincava com o irmão mais novo. Ele começou a uivar de dor, mas ninguém se mobilizou para acudi-lo. Ele olhou para os adultos sentados ali, boquiabertos, e parou de chorar por conta própria.

— Que loucura é essa? — vociferou o pai de Daehyun. — É assim que você se comporta com os idosos? Daehyun, Suhyun e todos da nossa família só se reúnem algumas vezes por ano. Passar um tempo com a família é digno de reclamação?

— Pai, não foi isso que ela falou. — Daehyun tentou explicar, mas não sabia como começar.

— Sr. Jung, com todo o respeito, eu preciso me manifestar — disse Jiyoung em um tom calmo, puxando Daehyun para o lado. — Como o senhor sabe, os feriados são um tempo para as famílias se reunirem. Mas não apenas a sua. A minha também. Todos estão tão ocupados hoje em dia e é difícil para os meus filhos se reunirem também, a não ser nos feriados. O senhor deveria pelo menos deixar nossa filha vir para casa quando a sua vem visitá-lo.

No fim, Daehyun teve de cobrir a boca de Jiyoung com a mão e arrastá-la de lá.

— Ela não está bem, pai. Vocês precisam acreditar em mim, mãe, pai. Suhyun também. Ela não está bem ultimamente. Depois eu explico tudo.

Daehyun colocou a esposa e a filha no carro tão rapidamente que elas nem tiveram tempo de abotoar os

casacos. Dentro do veículo, Daehyun encostou a cabeça no volante, esgotado. Enquanto isso, Jiyoung cantava para a filha como se nada tivesse acontecido. Os pais dele nem saíram para se despedir. Apenas Suhyun apareceu carregando a bagagem do irmão e colocou-a no porta-malas.

— Jiyoung está certa — disse Suhyun. — Não temos pensado nela. Não briguem ou discutam por isso. Não fique bravo. Só diga que você agradece por tudo o que ela faz e peça desculpas. Entendeu?

— Estou indo agora. Fale com o papai por mim.

Daehyun não estava bravo — estava confuso, triste e assustado.

Daehyun foi sozinho ao psiquiatra para falar sobre os sintomas de Jiyoung e as opções de tratamento. Ele disse à esposa, que não parecia estar ciente de sua condição, que tinha marcado uma sessão de terapia para ela uma vez que não estava dormindo bem e parecia estressada. Jiyoung agradeceu, dizendo que andava mesmo se sentindo triste e irritada, e que suspeitava ser depressão pós-parto.

Em um pequeno apartamento nos arredores da frenética Seul vive Kim Jiyoung. Uma *millennial* comum, Jiyoung largou seu emprego em uma agência de marketing para cuidar da filha recém-nascida em tempo integral — como se espera de tantas mulheres coreanas. Mas, em pouco tempo, ela começa a apresentar sintomas estranhos, que preocupam o marido e os sogros: Jiyoung personifica vozes de outras mulheres conhecidas — vivas e mortas. A estranheza de seu comportamento cresce na mesma proporção que a frustração do marido, que acaba aconselhando a esposa a se consultar com um psiquiatra.

Toda a sua trajetória é, então, contada ao médico. Nascida em 1982 e com o nome mais comum entre as meninas coreanas, Kim Jiyoung rapidamente se dá conta de como é desfavorecida frente ao irmão mimado. Seu comportamento sempre é vigiado e cobrado pelos homens ao seu redor: desde os professores do ensino fundamental, que impõem uniformes rígidos às meninas, até os colegas de trabalho, que instalam uma câmera escondida no banheiro feminino para postar fotos íntimas das mulheres em sites pornográficos. Aos olhos do pai, é culpa de Jiyoung que os homens a assediem; aos olhos do marido, é dever dela abandonar a carreira para cuidar da casa e da filha.

A vida dolorosamente comum de Kim Jiyoung vai contra os avanços da Coreia do Sul, uma vez que o país abandona as políticas de controle de natalidade e “planejamento familiar” — que privilegiava o nascimento de meninos — e aprova uma nova legislação contra a discriminação de gênero. Diante de tudo isso, será que seu psiquiatra pode curá-la ou sequer descobrir o que realmente a aflige? Best-seller internacional, *Kim Jiyoung, nascida em 1982* é uma obra poderosa e contemporânea que não só atinge o âmago da individualidade feminina, como também questiona o papel da mulher em âmbito universal.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1143/>

